

O "Ocidente" Ainda Existe?

por Mário Soares

Joscka Fischer, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, que é um dos políticos europeus mais sagazes e originais, que nos habituou a pensar pela sua cabeça, defendeu recentemente a ideia, na reunião de Munique, que era necessário criar um "Ocidente Renovado", capaz de vir a ser "a espinha dorsal de uma nova ordem internacional". A proposta parece ser tanto mais oportuna quanto às "tournées" Condoleza Rice e de Donald Rumsfeld pela Europa, de preparação da próxima visita do Presidente Bush, abertas em sorrisos e com um tom intencionalmente conciliatório - o que lá vai, lá vai, o que conta é o futuro - parecem indicar, da parte dos Estados Unidos, uma intenção de retomar o diálogo aprofundado com a Europa ou melhor: com a União Europeia, como um todo.

A entrevista que Condoleza Rice concedeu ao jornal "Repubblica" de Itália e ao "El-Pais" utiliza um tom deliberadamente moderado que contrasta profundamente com o empregado, no momento mais agudo da guerra do Iraque, quando lançou a célebre frase assassina: "perdoar à Rússia, ignorar a Alemanha, punir a França". E também com a expressão utilizada por Donald Rumsfeld, dita com a intenção manifesta de dividir a União Europeia, quando se referiu depreciativamente à "Velha Europa" para a distinguir da Europa dos "amigos", reunidos esses na célebre "Cimeira da Mentira" dos Açores.

Os tempos mudaram. Bush ganhou triunfalmente as eleições, apoiado na vaga de fundo dos "neo-cons" americanos e do fanatismo religioso dos evangélicos. Iniciou um novo mandato em que os mais "fiéis" dos seus colaboradores ficaram e os mais "moderados", como Colin Powell, saíram. Tudo parecia pois indicar no sentido de que o segundo mandato de George W. Bush iria ser "mais do mesmo". E, no entanto... a força das coisas tem muita força. E, como disse Condoleza Rice, na referida entrevista: "o Presidente Bush não mudou mas a situação geral está a mudar". Donde, para já, o novo tom conciliatório usado.

Importa, assim, perceber em que sentido as coisas mudaram. O imenso anti-americanismo provocado pelas posições de Bush começa, com a passagem do tempo, a incomodar seriamente os americanos mais lúcidos. A situação económica dos Estados Unidos tem vindo a agravar-se seriamente, com os défices descomunais a crescerem, o desemprego a subir e o tão célebre ritmo do dinamismo económico a perder força, por forma preocupante. Assim, a crise económica americana pode vir a tornar-se, como sugere a Newsweek, no artigo intitulado "End of the Boom?" numa crise mundial, com a "bolha" crescente do capitalismo financeiro-especulativo

No plano internacional, a questão do Iraque, após as eleições, longe de se apaziguar parece complicar-se com as cisões político-religiosas que se anunciam. Os soldados americanos manifestam, cada vez mais, a compreensível vontade de voltar a casa - e é isso que pedem também, insistentemente, os próprios xiitas vencedores das eleições. Mas como encontrar uma "saída" desse tipo, se a situação é cada vez mais complexa e violenta?

Há ainda o Irão, que joga as pedras do seu próprio xadrez, com extrema prudência e habilidade, mas sem ceder um milímetro às exigências dos Estados Unidos. A arrogância da Coreia do Norte, a Síria que voltou a tornar-se um país problema, de alto risco, com o assassinato, ainda não esclarecido, do ex-primeiro ministro do Líbano Rafic Hariri que ameaça alterar e complicar singularmente o precário equilíbrio de forças da Região. Quando, um tanto inesperadamente, o conflito israelo-palestiniano parecia poder regressar, com alguma probabilidade, ao caminho de uma paz possível. Não obstante, a luta contra o terrorismo, objectivo central da administração Bush, continua a não revelar qualquer abrandamento. Antes pelo contrário.

É neste contexto, tão intrincado - sem esquecer as novas ameaças económicas da China e as complicações que se anunciam do lado da Rússia - que Bush se prepara para realizar a sua importante "tournee" europeia, com a intenção anunciada de dar um novo impulso à coesão do Ocidente. Mas será que o Ocidente, entendido como uma comunidade de valores e de objectivos, entre os dois lados do Atlântico, ainda existe? Quando assistimos ao tratamento inumano - como

norma - dos prisioneiros de Guantanamo e de Abu Ghraib. Quando não há consenso relativamente à defesa e importância decisiva do plurilateralismo das Nações Unidas? À estratégia para acabar com esse clima hediondo de fome que continua a crescer em largas regiões do mundo? Quando nem sequer é possível estabelecer um acordo mínimo quanto aos Protocolos de Quioto, para salvar a terra, como nossa casa comum?

Joscka Fischer e Gerard Schröder têm razão em propor uma estratégia para o Ocidente, capaz de estruturar uma nova ordem internacional promissora da paz e do desenvolvimento sustentado do Mundo. Com a condição dos responsáveis políticos, dos dois lados do Atlântico, terem a coragem de falar entre si a linguagem da verdade e se entendam quanto a uma estratégia comum capaz de os fazer abandonar os interesses egoístas e mesquinhos nacionais e sobreporem a isso as genuínas aspirações da humanidade - de toda a humanidade - neste início do III Milénio. Ora, quanto a isso, importa perguntar: onde estão os homens políticos que tenham essa coragem e lucidez? A verdade é que nos faltam, nas duas margens do Atlântico, estadistas como Roosevelt ou como Churchill, para só citar os vencedores da II grande guerra...

Lisboa, 16 de Fevereiro de 2005